A consolidação de lógicas interacionais informativas em grupos de aplicativos de mensagens¹
THE CONSOLIDATION OF INTERACTIVE INFORMATIONAL OPERATIONS IN GROUPS OF MESSAGING APPLICATIONS

Eloisa J. C. Klein ²

Resumo: *O paper analisa como circuitos interativos que têm em vista fluxos de informação em grupos de Whatsapp engendram lógicas próprias de comunicação organizada, a partir de estrutura administrativa e papéis sociais, e atuam na definição de noções como informação e notícia, o que indica a ocorrência de regularidades próprias, a partir de dispositivos interacionais em formação. Efetuamos um estudo de circuitos informativos de uma rede de 50 grupos de Whatsapp, no interior do Rio Grande do Sul, reunidos sob a denominação de “Caçadores de Notícia”. A noção partilhada de informação tem a ver com o contato com as pessoas que disseminam um conteúdo. O estabelecimento destas lógicas ocorre à parte do jornalismo canônico e suas instituições. O elemento microlocal indica uma tendência de apropriação de canais alternativos para superar barreiras de acesso a notícias. Observa-se a criação de audiência/ público autônoma, que também atua como co-responsável pela produção e disseminação de conteúdos.*

Palavras-Chave: *Dispositivos interacionais. Whatsapp. Informação.*

Abstract: *The paper analyzes how interactive circuits that produce information flows in Whatsapp groups engender their own logic of organized communication, based on administrative structure and social roles, and act in the definition of notions such as information and news - which indicates the occurrence of regularities of interactive matrices in formation. A study of informational circuits of a network of 50 Whatsapp groups was developed, in the interior of Rio Grande do Sul, gathered under the name of “Caçadores de Notícias”. The shared notion of information has to do with contact with people who disseminate content. The establishment of these logics occurs apart from canonical journalism and its institutions. The microlocal element indicates a tendency to appropriate alternative channels to overcome barriers to accessing news. There is the creation of an autonomous audience / public, which also acts as co-responsible for the production and dissemination of content..*

Keywords: *Interactional Matrices. Information. Whatsapp.*

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Práticas interacionais, linguagens e produção de sentido na comunicação do XXIX Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, 23 a 25 de junho de 2020.

² Professora da Universidade Federal do Pampa. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Eloisa.klein@gmail.com

1. Introdução

Durante a abertura do congresso da Sociedade Brasileira de Jornalismo de 2019, o pesquisador Americano Tim Vos tratou, em sua palestra, sobre a atuação do jornalismo como um agente de seleção não mais do que estaria da porta para fora da mídia, mas do que circula dentro do cenário midiático. Neste campo estariam as ações de *fact checking*, uma busca de confirmação de evidências concretas sobre discursos, teorias científicas e fatos da atualidade, para contrapor-se ao avanço de informações falsas. Vos (2019) atualiza, nesta perspectiva, a abrangência da teorização sobre o jornalismo como *gatekeeper*/ selecionador, agente atribuidor de confiabilidade do que é notícia.

Em sua pesquisa, Vos (2015) analisa como enquadramento, ênfase, localização e promoção participam do que se entende como o processo de *gatekeeping*, posto que as escolhas são operadas desde as primeiras decisões sobre quais elementos se mostram interessantes a ponto de constituírem formatos noticiosos. Tal processo de *gatekeeping* continua quando a notícia, já elaborada, transita pelas pessoas, que decidem o que passar adiante, como, para quem. Porém, tais decisões não levam em conta os mesmos princípios defendidos pela institucionalização do campo jornalístico, já que incluem preferências pessoais, gostos, proximidade com pessoas conhecidas como critérios de disseminação informativa. Assim, Vos (2019) analisa uma grande demanda pela ação do campo jornalístico neste espaço de circulação informativa que aparece para além dos portões de entrada da informação, agregando parâmetros de qualidade e credibilidade numa seleção a posteriori das notícias que circulam.

A teorização contemporânea de Tim Vos sobre *gatekeeping* nos leva a pensar em como a ação de verificação e seleção estaria presente em esferas fora do ambiente formalmente designado como jornalístico – e que talvez não possa ser meramente designado como amador ou como colaboração. Conforme dialogamos com o autor, na ocasião do evento, as pessoas que lideram grupos de circulação informativa não percebem a si mesmas como amadoras. Sua auto-designação como repórteres também tem um peso na qualificação das informações que distribuem para outras pessoas. Acabam constituindo audiências, com padrões regulares de projeção de conteúdos. Com essas características aparece o grupo denominado Caçadores de Notícia (na verdade, uma rede de 50 grupos, segundo seu administrador), substancialmente organizado a partir da microrregião de Ijuí, no Rio Grande

do Sul, com abrangência em outras áreas do estado, bem como oeste de Santa Catarina e Paraná.

Para analisar a ocorrência de produção de regularidades destas relações sociais específicas, efetuamos um estudo de caso sobre o que circula na rede Caçadores de Notícias, a partir do acesso como membro de um destes grupos. Inicialmente, efetuamos uma observação como participante do grupo, durante três meses (dezembro de 2019, janeiro e fevereiro de 2020). Neste período, foi possível identificar 1) mediação dos coordenadores do grupo na oferta de informações; 2) reconhecimento do coordenador como responsável por organizar a informação; 3) existência de critérios de noticiabilidade (TRAQUINA, 2005), como relevância, abrangência, imprevisibilidade, continuidade, coisas negativas; 4) publicidade; 5) promoção de serviços de utilidade pública; 6) retorno com a solução dos casos apresentados. Também efetuamos uma observação sistemática, em um período de dez dias, no começo do mês de fevereiro, marcado por muitos acidentes de trânsito, incêndios e captura de animais peçonhentos por moradores da cidade e região. Com esta análise, pudemos evidenciar detalhes dos ângulos provenientes da observação não controlada. Também efetuamos uma entrevista de tipo semi-estruturada, que resultou num total de 35 minutos de gravação, com o fundador e coordenador da rede Caçadores de Notícias, que atua com sua esposa na administração dos grupos.

Em que pese o relativo distanciamento de esferas formalmente ligadas ao jornalismo, a rede de grupos interfere no agendamento de temas discutidos na cidade e região, promove deslocamento de pessoas para a cobertura de fatos de interesse da audiência específica (ênfase para acidentes e utilidade pública) e gera material transformado em publicações externas ao grupo do Whatsapp – atuando em todas as esferas de *gatekeeping* analisadas como profissionalmente desempenhadas pelo jornalismo, na perspectiva de Vos (2019). Isso nos leva a pensar que a problemática talvez não esteja na definição do jornalismo como agente de seleção, dada sua inscrição justamente nesta atuação ao longo da história recente. Talvez seja necessário alargar a reflexão para como grupos autônomos deixam de ser apenas repositórios de informação ou blocos de ativismo para criarem suas próprias dinâmicas, transformadas em regularidades e padrões de atuação ao longo do tempo, com definição de normas e papéis sociais – independentemente do que se define como tal pelo campo do jornalismo estabelecido (mesmo que este influencie nas dimensões reconhecidas e apropriadas como regularidades).

2. Regularidades e consolidação de lógicas de interação

Ao longo do desenvolvimento de interações sociais são desenvolvidas regularidades, que são diferentes de regras – no sentido de uma obrigação para um tipo de conformidade (BOURDIEU, 1990, p. 83). Estas regularidades passam a ser seguidas pelos participantes, são colocadas em prática, muitas vezes de modo intuitivo.

Entendemos que as regularidades que passam a definir as lógicas de alguns tipos específicos de encontros e situações são definidas socialmente, são tentadas em episódios comunicacionais (BRAGA, 2017). Tais episódios permitem o encontro e tensionamento entre seus participantes, de forma que dinamizam o que se compreende como necessário, relevante ou pertinente para um grupo específico. Algumas das ações regularmente tecidas pelos participantes de um tipo de situação que se repete acabam sendo assumidas como as lógicas próprias daquele tipo de dispositivo, ou de matriz, que passa a estar presente na dinâmica interacional de um grupo de pessoas.

Na perspectiva de Erving Goffman (1985), a situação define o modo como uma pessoa projeta sua ação, como organiza a apresentação de si mesma. Algumas vezes, esta apresentação de si tem em conta a repetição de gestos ritualizados, que mantém relações de poder, por vezes naturalizadas. Como a apresentação de si varia em acordo com as situações interacionais, há sempre elementos que são destacados e outros que são ofuscados da cena em que se procede a ação. Apesar de haver um componente pragmático, de adotar a postura requerida em determinados tipos de situação, parte considerável desta apresentação de si é feita espontaneamente, sem grande controle sobre o corpo, as palavras, o tom de voz, que assume características assimiladas a partir da repetição experimental de situações anteriores.

Ao pensar a dinâmica dos episódios comunicacionais, José Luiz Braga (in BRAGA et al, 2017) traz a comunicação como aspecto dinamizador desta ideia da inserção de pessoas em situações de interação. Neste sentido, o autor destaca aspectos que podem parecer marginais, como o fato de que a comunicação é via de regra tentativa, se faz ao fazer, com erros e acertos momentâneos, que oferecem aos envolvidos condições de criação momentânea das lógicas circunstanciais em que se desenvolvem seus encontros, a partir de *insights* e de vivências. Isso não quer dizer que essas experiências não resultem em algumas formas de padronização ou produção de regularidades – o que acontece a longo prazo, o que

podemos visualizar a partir de dispositivos, ou matrizes que articulam em um pano de fundo mais amplo as lógicas interativas.

Quando pensamos em grupos que se organizam para a troca de informações, observa-se que a noção de circulação é central e assumida como a própria condição de encontro destas pessoas. Porém, o modo como se dá o encontro das pessoas interessadas em tais processos informativos, e as dinâmicas estabelecidas nos episódios comunicacionais que têm a ver com o encontro nestes grupos, termina por tensionar o que se compreende por informação, quem define o que é esta informação, seus parâmetros de qualidade, sua pertinência. Moser (1996), ao tratar do que chama de “reciclagem cultural”, entende que o que se recicla já não é a mesma coisa do que a matéria-prima, mas que a memória produzida em torno desta não desaparece. Ao se repensar as condições pelas quais se produz um material informativo fora do campo que antes era responsável por tal produção, não se ignoram aquelas características, mas se atualizam em modalidades de experimentação e regularidades próprias das situações de encontro agora criadas.

Mais que organizar lógicas de repasse e recebimento de informação, os circuitos comunicacionais constituídos terminam por alterar compreensões sobre dinâmicas sociais mais amplas, tocando na dimensão dos dispositivos, ou matrizes interacionais (BRAGA in BRAGA et al, 2017). Assim, mesmo que não se observe “uma tipificação de ações tornadas habituais por tipos específicos de atores” (BERGER e LUCKMANN, 2001, p. 79), temos um nível de regularidade que serve como matriz para as interações sociais em questão nos episódios comunicacionais (BRAGA in BRAGA et al, 2017) desenvolvidos. Nos itens que se seguem, buscamos explorar algumas das características das regularidades em questão no caso da rede de grupos de Whatsapp aqui analisada.

3. Conversação de temas públicos em grupos com restrição de acesso

As lógicas informativas do presente são desafiadas pela circulação de conteúdos que acontece fora do campo estabelecido da mídia. Observa-se a intensificação de um processo que tem envolvido, ao longo dos últimos séculos, a participação da técnica na vida cotidiana, as relações da mídia com campos sociais (FAUSTO NETO, 2008), o acionamento da mídia como instância de participação cidadã, como característica do sentido de pertencimento, como construção discursiva sobre a atualidade. “A relação global dos seres humanos com o

real se modifica pelo efeito de representações associadas com as tecnologias, com a globalização e com a aceleração da história” (AUGÉ, Marc. In BARBERO; REY, 2004, p. 21). Uma das marcas é a organização popular pelo compartilhamento de ocorrências de seu entorno imediato, que podem ser de interesse para seus conhecidos, bem como a externalização de demandas próprias, como necessidades pessoais ou a busca por objetos, animais e pessoas perdidas. Tais ações dão forma a circuitos interacionais com características midiáticas. “A existência de suportes materiais autônomos é obviamente uma condição essencial da circulação coletiva das mensagens e produz, como consequência, múltiplos fenômenos de descontextualização do sentido” (VERÓN, 2000, online).

Como membro do grupo Caçadores de Notícia³, reconhecemos algumas questões conflitantes envolvidas no caso em estudo. Embora o próprio título sugira o caráter público do grupo, ao remeter à ideia de notícia, que é um produto do jornalismo, campo de promoção do debate sobre pautas públicas, o grupo oferece restrição de entrada. As pessoas podem requerer a entrada através do grupo de Facebook de mesmo nome, através de comentários sob as postagens, através de mensagens para o administrador do grupo. Sendo assim, não há uma barreira de exclusão que impeça alguém de entrar no grupo, mas isso abre um questionamento sobre o que seria um grupo público ou fechado no ambiente do Whatsapp. O núcleo administrativo permanece restrito ao criador do grupo e sua esposa. Assim, embora o administrador afirme que existem 50 grupos, com quase 13 mil membros, essa afirmação não pode ser publicamente verificada. Observa-se, pelo cotidiano de postagens no grupo, que quando se solicita a inclusão de um membro no grupo, dificilmente essa pessoa é adicionada no mesmo grupo onde a inclusão foi solicitada.

Em trabalho coordenado por Priyanjana Bengani (OWEN, 2019), sobre as eleições na Índia, a pesquisa utilizou-se da estratégia de buscar ser adicionado por um administrador de grupo fechado de Whatsapp, como forma de conseguir acesso às informações disseminadas nestes espaços. Como geralmente as pesquisas sobre política têm em conta unicamente grupos públicos, a estratégia era observar que tipos de lógicas estavam presentes em grupos que demandavam algum tipo de restrição de pertencimento (como o fato de ter que ser adicionado por alguém). Os pesquisadores iniciaram o trabalho a partir dos chamados

3

A adesão foi formalmente solicitada em 2018, pelo Facebook, mas a inclusão apenas se efetivou após outra pessoa, que era membro do grupo, reforçar o pedido, já em 2019 – no próprio ambiente do Whatsapp. A inclusão foi solicitada como moradora da região, como parte, portanto, de uma audiência deste fórum de discussão. Neste tempo, participei com poucas contribuições, sobre animais perdidos e incêndio.

“grupos públicos”, cujos links encontram-se disponíveis em algum ambiente na internet – tomando por base algumas estratégias lançadas por Resende et al (2019) no Brasil. A segunda estratégia foi justamente focar em conteúdos referentes à política nacional, cuja análise é de interesse público, sem que haja exposição dos autores de postagens internas a estes espaços (OWEN, 2019).

Acerca da apropriação dos conteúdos recebidos através do aplicativo de mensagens, Rohr (2016), em sua coluna para o Portal G1, informa que:

De modo geral, quando a informação chega até uma pessoa, essa informação é "dela" e ela pode espalhar para outras pessoas. Mesmo supondo que o WhatsApp tivesse um controle mostrando quem encaminhou uma mensagem pelo próprio app, nada impede a pessoa de simplesmente escrever uma nova mensagem, copiar e colar via e-mail ou enviar a tela toda do celular (2016, online).

A circulação é entendida com potencial de conversação pública também por decisões judiciais, que entendem que os administradores de grupos são responsáveis pelo tipo de conteúdo que circula (UOL, 2018; TECHTUDO, 2018). Para o portal de notícias UOL (2018), a advogada Patrícia Pinheiro analisa que “o administrador normalmente tem poderes para gerenciar uma situação”. Assim, “se algo está acontecendo, pode agir de forma preventiva, como dizer qual a regra do grupo ou o que é tolerado, usar os recursos da ferramenta para remediar o conflito, como deletar a mensagem ou remover o participante” (UOL, 2018). Tais decisões remetem para um papel de conversação pública, de externalização das ideias debatidas em grupos – mesmo que o ingresso seja vetado.

O caráter de conversação pública sobre temas da vida coletiva fica claro no caso da rede de grupos Caçadores de Notícias, que será, portanto, analisado pelo crivo da publicização de pautas, coberturas e trocas informativas sobre assuntos públicos. Outros sistemas midiáticos também têm barreira de entrada, como os canais de TV por assinatura – e também nestes casos o conteúdo tem dimensões públicas, particularmente quando se trata da discussão de programas jornalísticos. Assim, entendemos que a existência de barreira de entrada (a necessidade de ser adicionado como membro pelo administrador), não situa o grupo na condição de não público, uma vez que trata de pautas públicas, de temáticas sociais, de entidades e de pessoas externas ao próprio grupo – e também porque situa-se como jornalístico, voltado ao interesse público, ao invocar a titulação de grupo de notícias, condição sob a qual será aqui analisado.

Apesar do enfoque público, notamos que a similitude das pautas tem um eixo organizacional e temático que encontra respaldo através das inserções colaborativas dos participantes. Esta convergência em torno dos tipos de conteúdo aponta para uma segmentação que possivelmente não seria possível sem a restrição de acesso aos grupos, que engendra as dimensões de pertencimento àquele circuito específico. Quando a ação coletiva acontece sem conflito, pode-se formar uma “coalização de consenso” ou “movimento de consenso” (DIANI; BISON, 2004, p. 221). Paula Melo Reis (2008, p. 14) analisa que “movimentos de consenso obtêm maior acesso informativo do que os movimentos de confrontação”.

A busca pelo consenso temático e modo de construção da agenda pública cotidiana em Caçadores de Notícia apontam para esta direção dos grupos, tendo-se em conta a predominância organizativa advinda do fundador e administrador. Ao controlar a dimensão expressivamente política e conflitiva, definindo o foco nos fatos da área de acidentes, crimes e utilidade pública, aumenta-se o nível de controle sobre o que se dissipa na rede de grupos, aprimorando o consenso sobre o que é pertinente, e garantindo uma vitalidade para o trabalho realizado.

4. Whatsapp e compartilhamento de textos

A ênfase para articulação de redes sociais, do *Facebook*, fez com que houvesse redução em seu papel no consumo, comentários e compartilhamentos de notícias, como analisa relatório da *Reuters e Oxford* (KANTAR MEDIA, 2018). Tais dimensões de consumo informativo acabaram sendo transferidas para aplicativos de mensagens, onde há redução de medo de dano à privacidade, risco de exposição e controle de relevância. A busca destes aplicativos também aumentou após as alterações do algoritmo do Facebook, em março de 2018. O esvaziamento de notícias pelo *Facebook* preocupou jornalistas com a redução da capacidade de alcance das publicações de interesse público (KLEIN, 2019), já que tal critério não é referência, em geral, para compartilhamentos pelos usuários. Porém, o relatório da *Reuters e Oxford* chegou a resultados que mostram que o público continua procurando notícias no *Facebook*. “Sem notícias, o *Facebook* pode acabar ficando bastante vazio” (KANTAR MEDIA, 2018, p. 3), já que ocorre a migração dos públicos para aplicativos de mensagens, que parecem mais “pessoais e íntimos”, “mais imediatos” e com “maior liberdade

de expressão” (KANTAR MEDIA, 2018, p. 3). Embora uma das alegações do Facebook fosse a procura por redução da diminuição de *fakenews*, esta dimensão também foi deslocada para os grupos de compartilhamento em aplicativos de mensagens.

O WhatsApp revolucionou a maneira como as pessoas se comunicam e interagem. Não é apenas mais barato que a comunicação tradicional do Short Message Service (SMS), mas também traz uma nova forma de comunicação móvel: o grupo conversa. Esses grupos são ótimos fóruns para discussões coletivas sobre diversos tópicos. Em particular, em eventos de grande mobilização social, como greves e campanhas eleitorais, as conversas em grupo no WhatsApp são muito atraentes, pois facilitam o intercâmbio de informações entre as pessoas interessadas (RESENDE et al, 2019, p.1).

Embora permita amplas articulações para fins de mobilização, existe certa dificuldade em espalhar conteúdo de organizações jornalísticas, conforme avalia Spagnuolo (2019, p.1), devido à facilidade de compartilhamento de “spam, rumores e informação falsa”. E isso acontece apesar de o Whatsapp ser procurado como forma de acessar informação por um quarto dos brasileiros. Além disso, há ferramentas para negócios presentes na plataforma, mas não para empresas jornalísticas (SPAGNUOLO, 2019, p.1).

O conteúdo visual tem destaque e garante expressivos compartilhamentos. Através da análise de 141 grupos de maio a junho de 2018 e 364 grupos de agosto a outubro de 2018 (períodos marcados pela greve dos caminhoneiros e campanha eleitoral, respectivamente), RESENDE et al (2019) observam que parte deste material carrega informações falsas ou enganosas. Durante as eleições, “36,2% das imagens com informações factuais foram verificadas como contendo desinformação, enquanto 53,2% incluem conteúdo enganoso e inconclusivo (não suportado por informações públicas)”. Os analistas concluíram que “apenas 10,6% foram verificadas como verdadeiras” (RESENDE et al., 2019, p. 7).

Os pesquisadores também observaram que a maioria das imagens aparecia primeiro na web e depois no Whatsapp, mas 6% são vistas primeiramente no aplicativo. A pesquisa também mostra que os participantes de grupos atuam mais como receptores do que como sementes de espalhamento de conteúdo – o que nos permite pensar que os grupos também funcionam como fundação de audiência. Rezente et al (2019, p. 8) analisam que isso faz com que poucos grupos consigam espalhar enormes quantidades de imagens com desinformação.

Spagnuolo (2019) avalia que a dificuldade de compartilhar informação para públicos amplos é um empecílio para o compartilhamento de informações jornalísticas verificadas.

Porém, mesmo que a companhia responsável pelo aplicativo sustente que ele foi criado para mensagens privadas e não audiências massivas (motivo pelo qual não teria ferramentas mais apropriadas para o jornalismo), é possível pensar em termos de articulação de audiências mais amplas. É o que acontece no caso dos “disparos em massa” para “base de usuários do próprio candidato ou bases vendidas por empresas de estratégia digital” (FOLHA DE S. PAULO, 2018), atingindo milhares de pessoas com os conteúdos estratégicos dirigidos a grupos segmentados, de acordo com gênero, faixa etária, renda, religião.

Tal efeito também acontece com a rede de grupos Caçadores de Notícias. Ao articular mais de um grupo em conjunto, o núcleo administrador permite que haja a difusão de informações entre milhares de membros, gerando o efeito de audiência. Parte do conteúdo é remetido por membros do grupo que presenciam situações que se enquadram em critérios de factualidade prediletos no grupo (como roubos, mortes, blitz, acidentes de trânsito, eventos na cidade, buscas de objetos, animais e pessoas perdidas). Parte substancial dos conteúdos originais e compartilhados é oferecida pelo núcleo administrativo, porém é curioso notar que diversas vezes este conteúdo chega como repasse de informação dentro da própria rede Caçadores de Notícias, já que o material é replicado de um grupo para outro pela mesma pessoa, que atua como um agente disseminador. Este tipo de ação de replicação de conteúdo é em si uma estratégia de burlar a restrição de formação de audiências mais amplas.

5. Aspectos presentes na rede de grupos Caçadores de Notícia

O fluxo de postagens da rede de grupos é intensa, chegando a ter picos de mais de 150 inserções diárias de conteúdos. Parte considerável do conteúdo refere-se a links compartilhados a partir de blogs de repórteres (graduados ou não em jornalismo, vinculados ou não a meios de comunicação comerciais) e de mídias locais. Também são compartilhados links de transmissões ao vivo que acontecem no *Facebook* acerca de acidentes, batidas policiais, eventos.

Efetuamos um período de observação controlada de dez dias, tendo em conta os primeiros dias de fevereiro, quando aconteceram acidentes de trânsito e um incêndio de média proporção no município sede do grupo Caçadores de Notícias. Todo o material foi registrado por 1) cópia de links e textos; 2) fotografia de tela das imagens compartilhadas; 3) fotografia de tela e salvamento de vídeos. Tal material foi separado pelas características de

compartilhamento de links, compartilhamento de foto e vídeos factuais (referentes a eventos acontecimentos na cidade e região), envios de áudios detalhando especificidades dos eventos, propaganda e comentários. A observação ocorreu em um grupo-base, no qual a pesquisadora encontra-se registrada.

No período da observação controlada, no grupo foram compartilhados 325 links de notícias e formatos similares. A principal categoria encontrada é a policial, que contou com 149 conteúdos compartilhados. Alguns destes materiais foram fornecidos diretamente pela polícia. De acordo com o administrador do grupo Caçadores de Notícias, Márcio Santos (2020), entrevistado pela autora, tais postagens derivam de um grupo de Whatsapp organizado pela própria Polícia Militar para os jornalistas da cidade e região. Márcio Santos é um dos membros deste grupo organizado pela polícia. De tal espaço derivam várias postagens para os grupos ancorados pela rede Caçadores de Notícias. Tais materiais tratam de ações da polícia, como rondas, perseguição de suspeitos, o que é registrado como confronto, apreensão de drogas, prisões. Outras postagens elencadas como crimes contêm informações sobre estupro, tentativa de assassinato, mortes, identificação de vítimas de crimes, localização de corpos, mortes violentas.

Alguns links (75, em nosso período de observação controlada) incluem assuntos frequentes nas rodas de conversa da cidade⁴, como o aparecimento de cobras durante o verão. Também se discute aspectos sobre problemas nos bairros, problemas dos moradores, salvamento de animais, locais perigosos na estação. Há também nesta categoria de links um tom funesto, com compartilhamento de mortes por afogamento, pessoas eletrocutadas, pessoas e animais picados por animais peçonhentos. Outra ênfase é sobre problemas de saúde, ou doenças que se espalham.

Outros links (56) compartilhados com frequência tratam da oferta de serviços públicos na cidade, data de pagamento de documentos, possibilidade de conseguir desconto, como se livrar de problemas. São frequentes informações sobre emprego, concursos públicos, funcionamento de redes de educação e saúde. Há também a oferta de links com atualização sobre acidentes e problemas de trânsito (45 em nossa coleta). Há uma intensa preocupação com choque de veículos, acidentes em rodovias, tipo de colisão, capotamento, queda de carga que causa estragos.

4 Aferidos por meio do acompanhamento de páginas, grupos de Facebook, sites e jornais da cidade de Ijuí, sede da rede de grupos Caçadores de Notícias.

É preciso salientar que estes links são preferencialmente oriundos de mídias locais, com ênfase para a cidade base da rede de grupos, onde especificamente aparecem um site de uma rádio local e um site de um jornalista que atuava em rádio, em detrimento dos jornais, rádios e outras fontes. O administrador da rede de grupos (SANTOS, 2020) informa que tal predileção se deve ao fato de serem estas as mídias com maior preocupação em publicar informações imediatas, sendo que outros meios de comunicação retardam em suas postagens e perdem a validade para a divulgação no tipo de trabalho realizado pela disseminação informativa para grupos de Whatsapp.

No período observado, há dois casos em que membros do grupo reportam a ocorrência de um acidente, mas não produziram materiais. É o próprio administrador do grupo que se dirige ao local, usando veículo particular, para produzir o material. Há quatro colaborações sobre acidentes. Em um episódio, um dos membros do grupo grava um áudio reportando a rua do acidente e informa que a pessoa vitimada voltava do trabalho, em um mercado da cidade. O fato de a pessoa retornar do trabalho é enfatizado diversas vezes, também salientando que a vítima de acidente encontrava-se ferido. Márcio Santos (2020) diz que há uma tentativa de fazer a informação circular, para que a família possa se mobilizar para chegar até a pessoa – da qual ainda não se sabia o nome. Em um terceiro episódio, um membro do grupo registra em fotos e áudio a ocorrência de uma colisão frontal entre um carro e uma moto na cidade de Ijuí, sede da rede de grupos. Há uma tentativa de discriminar detalhes, como tipo do veículo, ruas do acidente e quem são as pessoas envolvidas. Há uma riqueza de detalhes bastante próximas da produção jornalística sobre tais tipos de eventos.

Durante o período da observação controlada, aconteceu um incêndio de grandes proporções na cidade de Ijuí. Uma estofaria foi completamente destruída pelo incêndio. O administrador da rede de grupos abre o vídeo falando de si em terceira pessoa e em seguida descreve os eventos, inserindo informações adicionais sobre o que descobriu na averiguação in loco:

Marcio Santos, do grupo Caçadores de Notícias de Ijuí, está fazendo um vídeo de um acidente, de um incêndio, neste exato momento aí, pessoal. O incêndio em um chapeamento próximo da Madreira Leal, na rua das chácaras. Tá havendo explosões, tem vários veículos aí também. Os bombeiros estão combatendo as chamas, aí pessoal, mas não está fácil. Tá se alastrando mais... veículos ali dentro do chapeamento. Os moradores do lado estão em pânico (voz de pessoa: vamos ajudar, pessoal – nervosa). Tá chegando mais um caminhão dos bombeiros, pessoal (se escuta a voz do repórter Jairo Fernandes, atrás. Vídeo registra chegada do segundo

caminhão). Tá explodindo, pessoal, coisa dentro do chapeamento, aí. Os moradores próximos estão em pânico. A situação está bem complicada. Mas acabou de chegar mais um caminhão de bombeiros, neste momento. Então, para quem está acompanhando a nossa notícia, aí, é na rua das chácaras, na cidade de Ijuí.

É importante notar que há uma preocupação em efetuar um registro que contemple todas as dimensões do ocorrido, com filmagens da rua, do movimento de pessoas, do incêndio (com aproximação e distanciamento frequentes através de zoon, pelo celular), com panorâmica do local e, sobretudo, o deslocamento da direção da câmera para pontos de interesse, como a chegada de um segundo caminhão de bombeiros. Também há postagem quando o fogo já está controlado. Em sequência muito imediata, Márcio Santos envia aos grupos fotos e vídeos de um acidente de moto, com o que se pode evidenciar que por dias seus deslocamentos pela cidade, para efetuar coberturas, são contínuos.

Em entrevista, Santos (2020) relata que aprendeu com estas experiências práticas algumas medidas que são tomadas enquanto está gravando materiais durante o trabalho de outras pessoas. Ele mantém distanciamento de bombeiros e policiais, procura não registrar rostos de envolvidos em acidentes e crimes. Santos também tem a preocupação (notada pelas postagens do período controlado) de designar que obtém informações a partir de moradores, de testemunhas imediatas de acidentes e afins. Não aparecem figuras formais em suas coberturas. Tais vozes, de fontes especializadas, surgem a partir dos links de compartilhamento de notícias.

É comum observar que os links contêm informações que carregam aspectos ou até mesmo imagens previamente publicadas no grupo Caçadores de Notícias. No site de Jânio Fernandes, repórter da cidade que frequentemente tem suas locuções e entrevistas liberadas no Caçadores de Notícias, também se reporta a Márcio Santos como fonte.

As produções autônomas podem ser pensadas a partir da primeira postagem, com áudio, seguida de alguma explicação em texto, muito breve, e depois são compartilhadas fotos e, na maioria das vezes, ao menos um vídeo. Márcio Santos explica que tal sequência está relacionada a seu tipo de atuação: ele descobre sobre os eventos e acidentes através de informações dos membros da rede de grupo e tenta se deslocar, com seu próprio carro e seus próprios equipamentos, para fazer a cobertura. Em uma base de cobertura encontra-se sua esposa, que atua repassando os materiais que ele gera na cobertura primária (que ele chama de grupo 1) para todos os demais grupos da rede. Quando seu conteúdo gera produções

midiáticas em outras mídias, sua política como editor é repassar o conteúdo formal que chegar primeiro a seu conhecimento.

Assim, ele dá a saber que as mídias que produzem conteúdo para a internet na região enviam os links para ele, com a intenção de que dissemine a informação em sua rede. É interessante notar que os grupos por ele coordenados geram um efeito de disseminação informativa que beneficia outras pessoas, sem que ele colha reconhecimento autoral e/ ou aquisição de recursos a partir de tais processos.

A única obtenção de rendimento através da rede de grupos dos Caçadores de Notícia é a veiculação de propaganda de negócios da região. Márcio Santos (2020) conta que tem como política não divulgar mais de uma empresa do mesmo ramo, para evitar concorrência. Assim, se divulga informação sobre um mercado, não divulga sobre outro, por exemplo. Há também uma política administrativa para tais anúncios: são divulgados no máximo duas postagens de cada negócio a cada semana, para evitar causar acúmulo de propaganda nos usuários de sua rede. Na entrevista concedida em fevereiro de 2020, Santos reportou a existência de oito apoiadores oficiais do Caçadores de Notícia. A cada dia, há uma média de seis propagandas, ou patrocínios, como ele prefere denominar.

No período da observação controlada, houve uma solicitação de averiguação de responsabilidade por dano ao patrimônio, acompanhada por fotos factuais, indicando um nível de aprendizagem sobre características da dissipação midiática de conteúdos. O texto que acompanhou a imagem diz o seguinte: “hoje pela manhã, na rua Manaus, em frente ao hotel Santo Expedito, em Ijuí, um caminhão com maquinário em cima acabou danificando os fios de luz do hotel. Precisamos identificar o motorista para que seja responsabilizada” (postagem de 01/02). Tal ação se assimila à ideia do uso do registro de imagens por celular para produção de provas em situação de abordagens policiais⁵. A diferença é que, neste caso, a pessoa que sofre dano de terceiros busca a produção e dissipação da imagem não apenas para mostrar o problema sofrido, como para buscar responsáveis, por fora das operações institucionais do Estado.

Quando a postagem de links é feita a partir do *Facebook*, o link não reproduz a manchete lançada. Neste caso, é comum que o casal de administradores dos grupos copie partes dos textos. Também são lançadas fotos para completar a defasagem visual. Um link

⁵Esta matéria tem sido abordada frequentemente pelo campo jurídico. Uma síntese pode ser vista em Hoffmann e Fontes (2017).

gerado por sites é apresentado com manchete e com foto ao ser copiado para o *Whatsapp* e, assim, constitui uma capacidade de trabalhar como texto-imagem (FLUSSER, 1996). Esta capacidade é notadamente observada pelos administradores do grupo, que contornam a dificuldade de lançamento de links do Facebook com a adição de fotos e trechos de textos. Em nosso período de observação, foram encontrados seis registros com esta característica.

Algumas postagens aparecem como uma composição de texto pequeno com *emojis* demarcado sinais de atenção, *hashtags* e fotografias. Esta prática é realizada pelo setor de comunicação da polícia. É importante destacar o fato de a assessoria da PM não enviar releases, boletins ou comunicados, mas publicar notificações em um grupo de *Whatsapp* especificamente criado para os representantes da mídia local e regional. Assim, a comunicação da polícia é diretamente dissipada para os outros grupos informativos, como os Caçadores de Notícia, e sites midiáticos. Há postagens que advêm de assessoria de imprensa da PM. “Aproveitando o balanço da operação Verão Total 19/20, o governo entregou dez motos aquáticas para o CBMRS” e entram com foto, vídeo e texto diretamente publicados no grupo, diferenciando-se dos links.

Os materiais com a assinatura do “repórter Janio Fernandes” aparecem com frequência e assinalam uma aparente parceria com Márcio Santos, administrador da rede de grupos. Tais inserções são feitas com fotografias ou vídeos, frequentemente com áudios e remetem para link para a página de *Facebook* em seu nome. O administrador da rede de grupos Caçadores de Notícia explica que seu contato com Jânio se dá pelo intenso envolvimento de ambos na cobertura de fatos da cidade. Estão presentes nos mesmos locais, trocam ideias e também tomam materiais um do outro. Santos (2020) reflete que Jânio “vai mais adiante, se aprofunda mais”, tratando de aspectos da produção noticiosa posterior desenvolvida por ele.

O principal tipo de compartilhamento com imagem feito por membros do grupo refere-se a fotografias de documentos e animais perdidos. Também são exibidos animais que estão vagando pela cidade, com a expectativa de quem retornem para seus lares. Já houve casos de busca de pessoas desaparecidas – com resolução apresentada no grupo e agradecimento dos familiares pela dissipação da imagem na rede Caçadores de Notícia. Durante a observação controlada, houve um caso deste tipo – e vários outros durante os três meses sem recolhimento de dados.

Durante o período da coleta de dados, foram compartilhadas imagens de animais silvestres que apareceram na região. Tais imagens aparecem mais como divulgação do que

como abertura de debate⁶. No grupo vinculado à rede Caçadores de Notícia, apenas houve atualização sobre qual era o animal através da postagem de links regulares sobre o assunto.

Dentre as fotos factuais, onze das ocorrências são imagens de acidentes de trânsito, sendo quatro produzidas pelo administrador do grupo, quatro de colaboração (duas das quais complementadas pelo administrador com produção própria) e duas tomadas do repórter que atuava em uma emissora de rádio da cidade, Jânio Fernandes. Outra cobertura de acidente foi feita na cidade vizinha, por um fotógrafo ligado a uma empresa de rádio e jornal. Há também duas publicações com imagens sobre incêndios, sendo uma na cidade sede dos Caçadores de Notícia, outra na região e feita por colaboradores. Há seis postagens com fotografias sobre operações da Brigada Militar, apreensões e uma prisão. A maioria destas imagens é recebida diretamente da polícia. Em uma das publicações, é possível perceber que as imagens foram recebidas do repórter que coopera com os caçadores de notícia, Jânio Fernandes. Há uma foto de uma cobra encontrada por moradores de um bairro (e morta), uma foto de um animal silvestre atropelado e um conjunto de fotos sobre um terreno sem manutenção.

Nota-se, portanto, que entre as fotos factuais, há um predomínio de acidentes e crime, bem como nos links compartilhados, o que mostra uma correlação entre as ações de cobertura e o que se percebe como importante na comunidade para ser compartilhado na forma de link. Além disso, cada postagem não se restringe a uma única foto do caso acompanhado, mas sempre são compartilhadas várias imagens, que mostram diferentes perspectivas sobre o fato. Todas as postagens com fotografias factuais produzidas pelo administrador do grupo também contém vídeos. Há também um vídeo produzido por um colaborador do grupo, antes da chegada de Márcio Santos ao local. E um vídeo produzido pelo repórter Jânio Fernandes, bastante citado no grupo, com uma entrevista com o morador afetado pelo incêndio – uma produção posterior ao momento considerado urgente por Márcio Santos.

No período, foram compartilhadas oito fotos de documentos de identidade para encontrar donos de carteiras que foram achadas por membros do grupo. “Foi encontrada carteira, com documentos em nome de E.F.S. O dono pode retirar amanhã na 3 tentos com Marcelo”. Também há duas fotografias de tela que registram o pedido para encontrar carteiras perdidas. “Bom dia poderia colocar nos grupos por gentileza q foi perdida uma carteira de motorista em nome de P.G.S. se alguém achou [número de telefone] obrigado”.

⁶Postagens de mesmo tipo, no *Facebook*, levantaram intensos debates sobre qual seria a espécie do animal encontrado.

Dentre os itens encontrados por membros do grupo, chama atenção uma placa de carro. Há fotos de um cachorro perdido: “Pessoal ajuda. Sumiu agora um cachorrinho. Filhote ainda”. Há um compartilhamento de fotografia de tela com pedido de ajuda para achar um homem de Santa Catarina. Outra fotografia de tela contém o agradecimento pelo trabalho efetuado no compartilhamento de um pedido sobre pessoa desaparecida na região sede do grupo, pois o homem foi encontrado.

A questão visual é bastante impregnada pelo uso de fotografias de tela, sobretudo quando se trata de solicitação de ajuda com um problema. Por vezes, tal fotografia de tela é enviada recortada, editada para o administrador do grupo, o que é comum quando o assunto já foi abordado em outra plataforma, como o Facebook. Em outros casos, Santos ou a esposa tiram a fotografia de tela que contém dados sobre documentos perdidos, sobre informações acerca de um tipo de serviço, sobre animais domésticos perdidos.

Um aspecto salientado pelo administrador dos grupos é o “serviço social prestado pelo grupo”, como ele classifica a atividade de utilidade pública, tal como a publicação de pedidos de ajuda para busca de documentos perdidos e alguns casos de pessoas que necessitam ajuda com equipamentos de saúde. Santos (2020) disse que todos os dias recebe muitos pedidos de ajuda por mensagens privadas, enviadas apenas até ele, que por vezes lhe impedem de manter atividades diárias, como ter refeições ou levar um cliente até um local como associado da empresa Garupa. Pela impossibilidade de atender a todos os pedidos de ajuda, Santos parou de compartilhar tudo o que recebe, pois havia pressões e até mesmo ofensas. Esta e outras decisões editoriais lhe custaram parecerias que havia insituído quando a rede de grupos constava de apenas dez grupos organizados, como o afastamento de outros membros que haviam sido adicionados como administradores. Por haver diferenças nas decisões sobre o que postar ou não postar, Santos optou por restringir tal trabalho a ele e a esposa. “Tem dias que sai água dos olhos de cansaço”, conta Santos (2020).

Em sua atuação à frente da rede de grupos, também teve que aprender a lidar com a dor de estar diante da morte, em coberturas de acidentes. Ouviu desaforos da polícia e xingamentos por estar fazendo a cobertura, diz que chegou a pensar em desistir. Porém, quando comunicou sobre o fechamento dos grupos, houve comoção. “Teve até uma idosa que implorou para eu não fechar, porque ela não saberia como viver, teria depressão”, diz Santos, assinalando o reconhecimento e a responsabilidde que adquiriu ao longo de cinco anos. Este reconhecimento de Márcio Santos como o responsável pela disseminação de informações

aparece nitidamente no período controlado, quando as pessoas escrevem comentários dirigidos a ele, pedindo que compartilhe informações sobre documentos, sobre problemas, sobre demandas. Nos grupos também são compartilhados agradecimentos de usuários que conseguiram achar um familiar, um animal de estimação, um documento por causa da disseminação informativa garantida pela rede Caçadores de Notícias.

O ponto de virada aparece com o afastamento de membros que ocupavam funções administrativas ao lado do fundador, Márcio Santos, e sua esposa, mas que não compreendiam a linha informativa pretendida por eles. Com o gerenciamento do grupo a partir da perspectiva editorial de seu fundador, o foco ativista e de discussão política foi perdido. Outras pessoas tentaram organizar outros grupos, que não tiveram prosseguimento. Márcio analisa que há uma vontade de colaboração, que não se efetiva de forma completa. “Muitos me ligam para dizer que houve acidente em tal lugar e eu pergunto: 'mas por que não tirou uma foto e não postou lá?'”. Este elemento também aparece no período de observação controlada, quando são apenas quatro contribuições (duas das quais ele complementa com materiais próprios) que aparecem como cobertura e poucos comentários que adiconam informações.

Considerações finais

A estratégia da criação de uma rede de grupos constrói-se como uma alternativa para a geração de audiências, confrontando a estratégia da empresa Whatsapp de não liberar ferramentas para a construção de públicos. Spagnuolo (2019) observa que a tentativa de restringir audiências também prejudica a existência de assinaturas de serviços de informação verificada, ou jornalismo, neste ambiente. Porém, como notado em análise sobre utilização de grupos de Whatsapp (KLEIN, 2018), o aplicativo tem sido usado para suprir a produção local de conteúdo informativo, particularmente o visual. Mesmo jornalistas de rádio atentam aos grupos no Whatsapp para construir sua programação. Tais grupos têm sua própria seleção de fontes de publicação de conteúdo.

Apesar de o nome referir-se à notícia, os grupos Caçadores de Notícia são mantidos pelo mesmo núcleo administrador, que não faz parte do campo formal jornalismo e é coordenado por um homem que se declara voluntário da informação; ou como repórter. Todos os grupos recebem as informações que chegam aos demais grupos da mesma rede,

desde que passem pelo crivo de relevância estipulado pelo núcleo administrativo. Também nota-se a predominância de materiais que não derivam de meios de comunicação tradicionais.

A colaboração pode parecer menos expressiva que idealmente se projeta para um aplicativo de troca de mensagens. Há poucos conteúdos gerados pelos membros da rede – embora não se tenha acesso ao total de publicações (o administrador dos grupos não passa para frente comentários não informativos e conteúdos que não sejam referentes às dinâmicas de serviço e informação do grupo). Tais aspectos demonstram a constituição do público por vezes como audiência, o que também se verifica na identificação de Santos como ator principal na gestão dos conteúdos – e portanto aquele de quem se cobra a postura de ofertar materiais sobre os acontecimentos da cidade.

É curioso notar que os assuntos que contaram com mais comentários são problemas que dependem da ação coletiva para serem resolvidos, como a limpeza de terrenos, o cuidado com a designação do lixo e a questão animal. Denota um aspecto de envolvimento direto das pessoas que se agregam aos grupos com tais elementos do cotidiano – diferentemente do que ocorre com os demais temas comumente presentes, como acidentes e crimes, para os quais não parece haver um sentido de obrigação coletiva em colaborar seja para o debate, seja para a produção de conteúdo. O único comentário que apareceu sobre crimes seguiu uma linha punitivista, que enxerga na morte a solução para os problemas sociais – sem que tenha havido reverberação.

Embora o crivo das coberturas seja dirigido para acidentes e crimes, é necessário não tomar tal aspecto unicamente como sensacionalista. Como sustenta Márcia Franz Amaral, em sua tese, “rotular um jornal de sensacionalista é afirmar apenas que ele dedica-se a provocar sensações” (2004, p. 15). Nos Caçadores de Notícia, há preocupação em não identificar rostos de vítimas, em não expor cenas chocantes, em não exibir rostos de pessoas presas pela polícia. A perspectiva criminal parece estar envolvida em uma noção sobre o que vem a ser o factual em nossa sociedade.

Ao estudar os lugares de fala do leitor no jornal Diário Gaúcho, Amaral (2004) observa que além de as pautas advirem do leitor, há uma convergência com a fala popular, a frequência da exposição de anônimos, a presença de dramas cotidianos, a predominância das “pessoas do povo” como fonte. No caso analisado, essa tendência é bastante expressa pela liberdade de solicitar ajuda para encontrar objetos, animais e pessoas, sem correção de texto, com compartilhamento direto, com fotografia de tela do texto original. O coordenador do

grupo fala como um deles, não se coloca com um perito, embora assuma o lugar de destaque que a responsabilidade por coordenar o grupo gerou. Tal aspecto é evidenciado até mesmo quando da interação com Jânio Fernandes, cujo blog já o designa como repórter, e que é referido como tal por Santos.

Amaral (2004, p. 21) analisa que se pode pensar que primeiro o povo teve acesso à imprensa como leitor, depois “o mundo popular passa a integrar as temáticas da imprensa”, depois “o rosto e a fala do povo têm acesso explícito às páginas dos jornais”. Há que se considerar a comunicação popular como criação coletiva também. Percebemos que Caçadores de Notícia mesclam a atuação entre uma dissipação colaborativa da mídia instituída e esta produção criativa da comunidade em que está inserido.

Considerando-se as falas de participantes e do administrador, parece haver uma experimentação de geração/seleção/circulação de notícias, gerando regularidades que participam da definição do que caracteriza este circuito social. Tais experimentações são significativas em um sentido forte, vivencial (“são as *nossas* notícias”) – não só “o que nos preocupa”, mas o que faz parte de “nossa vivência”. Mesmo que poucos sejam os informadores, parece haver um sentimento de proximidade – os informadores são “dos nossos” – e percebem, mesmo os que não enviam notícias, que estão sempre a um passo da possibilidade de enviar. Não são “fontes” – têm um acesso para, se for preciso, diretamente informar, participar para além de ser “audiência”, “ouvinte”, “receptor”. Ou seja – uma lógica interna relevante (como é possível notar pelo depoimento da senhora idosa que implorou para que não fechasse) é a proximidade.

O conjunto de grupos, por um lado, “deforma” a atividade jornalística – já que não é jornalismo canônico – mas, ao mesmo tempo, amplia as relações de proximidade. Um pouco como se fossem relações de vizinhança ampliadas, grupo de confiança mútua para tratar “do que interessa”. O fato de que isso ocorre nas margens do jornalismo (invadindo, é claro, e deformando o canônico) é uma efetiva experimentação social.

Diferentemente de outros casos de atuação em mídias sociais e aplicativos de mensagens para a difusão de informações, os Caçadores de Notícia não são um grupo auto-declarado como ativista. O processo de produção informativa invade outros espaços – e o grupo já chegou a atuar como agente mobilizador durante a greve dos caminhoneiros de 2018. Embora tal ativismo tenha sido interrompido no âmbito das postagens e coberturas, ainda permanece boa parte da conformação do público e o reconhecido consenso nas condições do

que se compartilha como informação sobre o lugar. Neste sentido, permanece uma proposta de ativismo por fazer suas notícias, de acordo com as suas lógicas. Trata-se de uma experimentação em curso – embora ainda não transformado em discurso (no discurso do dispositivo, que passa a expressar “sua verdade”).

Referências:

AMARAL, Márcia Franz. **Lugares de fala do leitor no Diário Gaúcho**. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da. Porto Alegre, 2004.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 20a. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BRAGA, José Luiz et al. **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade**. João Pessoa: EDUEPB, 2017.

DIANI, Mario; BISON, Ivano. Organizações, coalizões e movimentos, **Revista Brasileira de Ciência Política**, núm. 3, p. 220-249, 2010

FLUSSER, Vilém. Texto/Imagem Enquanto Dinâmica do Ocidente. **Cadernos Rioarte**. Rio de Janeiro, ano II, n.5, jan., 1996.

FRAGA, Dinorá. Um estudo sociointeracionista da emoção, na emergência da internet como contexto de produção textual. Revista da **ABRALIN**, v. 6, n. 2, p. 215-233, jul./dez. 2007.

FREIRE, Raquel. Legislação no WhatsApp: entenda possíveis penalidades do uso abusivo. **TechTudo**. 29/11/2018. <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/11/legislacao-no-whatsapp-entenda-possiveis-penalidades-do-uso-abusivo.ghhtml>

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Vozes, 1985

HOFFMAN, Henrique; FONTES, Eduardo. Cidadão tem o direito de filmar abordagem policial. **Conjur**. <https://www.conjur.com.br/2017-out-03/academia-policia-cidadao-direito-filmar-abordagem-policial> . Publicado em 3 de outubro de 2017.

KLEIN, Eloisa J C. Emoção e efemeridade na replicação de informação e notícias em redes digitais. 17. Encontro da **SBPjor**. Goiânia, 2019.

MELO, Paula Reis. **Tensões entre fonte e campo jornalístico**: um estudo sobre o agendamento mediático do MST. Tese (doutorado) – Universidade do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2008. Orientação: Prof. Dr. José Luiz Warren Jardim Gomes Braga.

OWEN, Laura Hazard. Here’s how researchers got inside 1,400 private WhatsApp groups. **Niemanlab**. <https://www.niemanlab.org/2019/10/heres-how-researchers-got-inside-1400-private-whatsapp-groups>. Oct. 18, 2019, 9:55 a.m

ROHR, Altieres. G1. É possível saber quem encaminha uma mensagem no WhatsApp? **GI**. <http://g1.globo.com/tecnologia/blog/seguranca-digital/post/e-possivel-saber-quem-encaminha-uma-mensagem-no-whatsapp.html>. Quinta-feira, 10/11/2016, às 11:00

SANTOS, Márcio. **Caçadores de Notícias**. Entrevista. 20 de fevereiro de 2020. Por telefone, com gravação. Ijuí, Rio Grande do Sul.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, Volume I: Porque as notícias são como são. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2005.

UOL. Você administra algum grupo no WhatsApp? Cuidado, você pode ser processado. **UOL**. <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2018/07/17/justica-pode-mirar-administrador-de-grupo-no-whatsapp-em-que-houve-crime.htm> Helton Simões Gomes. Do UOL, de São Paulo 17/07/2018 04h00

VERÓN, Eliseo. **Conversaciones sobre el futuro de la comunicación** . Universidade de Buenos Aires, 2000. Disponível em <http://www.uba.ar/encrucijadas/julio/nota5.html>

VOS, Tim. novos paradigmas na seleção de fatos no jornalismo. 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, promovido pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (**SBPJor**). Goiânia, UFG, 6-8 de novembro de 2019.

VOS, Tim. Revisiting gatekeeping theory during a time of transition. In: VOS, T. P. HEINDERYCKX, F. (ed.). **Gatekeeping in Transition**. New York: Taylor & Francis, 2015.